



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao SBT

Brasília-DF, 30 de outubro de 2006

Jornalista Ana Paula Padrão: Então vamos às perguntas, agora ao vivo, com o presidente Lula, aqui no Palácio da Alvorada em Brasília. Presidente, parabéns pela vitória, muito obrigada por esta entrevista.

Presidente: Boa noite, Ana Paula, é um prazer estar conversando com você.

Jornalista: Presidente, quem viu o dia da sua eleição, em 2002, e quem viu o dia de ontem, percebe muitas diferenças entre os dois Lulas. O que mudou no Lula de 2006 para o Lula de 2002?

Presidente: Ana Paula, eu acho que mais experiência. Ou seja, não é uma coisa simples você ser presidente de um país do tamanho do Brasil, com a complexidade do Brasil. Quatro anos na Presidência nos dá uma formação política e administrativa que, certamente, a gente não aprenderia numa universidade. Então, hoje, eu estou muito mais consciente do papel que eu jogo no Brasil, do papel que o Brasil joga no cenário mundial, e eu te diria, com a maior franqueza, que estou muito mais preparado para o segundo mandato do que eu estive para o primeiro.

Jornalista: Pois é, talvez porque o senhor esteja mais experiente ou mais preparado, dá a impressão de que o senhor está mais próximo do seu passado. O senhor acha que tem mais condições, agora, de fazer jus ao papel de um ex-metalúrgico, de um homem do povo na Presidência do que em 2002?



Presidente: Olha, Ana Paula, eu sou presidente da República para governar o Brasil para 190 milhões de brasileiros. Mas, entre esses 190 milhões de brasileiros, tem gente que não precisa do governo e tem muita gente que precisa do governo. Então, o que o governo precisa é cumprir o seu papel. Ou seja, banqueiro, por exemplo, não precisa do governo, os grandes empresários não precisam do governo, muitos setores da classe média não precisam tanto do governo, precisam da educação, precisam da saúde. Agora, tem uma camada da população, que é a maioria, em algumas regiões do Brasil, que se o governo não ajudar, essas pessoas irão padecer. É esse o meu discurso, ou seja, é cuidar dos mais necessitados para que o Brasil se transforme num país com mais gente participando da classe média e mais gente participando do bolo.

Eu fiquei muito feliz, quando perto das eleições, a PNAD divulgou um dado de que nós conseguimos derrubar 19,3% da miséria no Brasil. Não há nada mais prazeroso que um presidente da República, um governador, um prefeito, saber que a sua política ajudou a diminuir a pobreza.

Jornalista: Se o Lula mudou de 2002 para 2006, esse Lula, mais experiente, mais maduro, terá que tipo de relação agora com o Congresso? Uma relação mais incisiva, de mais cobrança dos projetos que ele quer ver aprovados, porque acredita que são os projetos que fazem diferença no Brasil?

Presidente: Os projetos que estão no Congresso Nacional, que são importantes, a reforma política que vai entrar no Congresso Nacional, não são reformas de interesse do presidente da República, são reformas de interesse da sociedade brasileira. Afinal de contas, se fosse aprovada a Lei Geral da Micro e Pequena Empresa, nós iríamos ter menos impostos, simplificar os impostos e as empresas iriam ter as suas vidas facilitadas. Se fosse aprovado o Fundo Nacional da Educação Básica, a gente já teria colocado, no ano



passado, 1 bilhão e 700 milhões de reais na educação, sobretudo no ensino fundamental, teríamos criado o piso nacional dos professores. Eu vou ter uma relação mais direta com o Congresso Nacional. Eu acredito na minha capacidade de bom relacionamento com as pessoas, eu tenho muitos amigos que estão nos mais diferentes partidos políticos e eu vou utilizar a área da coordenação política, mas eu vou tentar interferir pessoalmente nas discussões, para que as pessoas percebam que uma coisa é fazer oposição ao Lula, outra coisa é fazer oposição ao PT, e outra coisa é governar pensando no Brasil e votar pensando no Brasil. As pessoas podem votar os bons projetos para o Brasil e depois falar mal de mim, não tem nenhum problema. O que não podem é ficar falando mal de mim, ou bem de mim, e não votar os projetos de interesse da Nação brasileira.

Jornalista: Presidente, e a sua relação com o PT que, durante esse primeiro mandato, tantas vezes deixou o senhor em situações delicadas? Como é que vai ser essa relação? O PT precisa mudar?

Presidente: Eu digo sempre o seguinte: quase todos os problemas que eu tive não foram criados pelo PT, porque o PT são milhões de pessoas, foram criados por pessoas do PT. Eu penso que o PT precisa mudar, a direção do PT está convencida de que precisa mudar. Alguns diziam que o PT ia acabar. O PT volta fortalecido, porque foi a legenda mais votada nas eleições de 2006, elegeu mais governadores. Agora, a direção do Partido precisa refletir essa grandeza do PT. Por isso é preciso ter um encontro extraordinário, mudar a direção, ser mais representativa e envolver quem tem peso político dentro do Partido para ajudar a deliberar as coisas.

Jornalista: Já, agora?



Presidente: Eu penso que o mais rápido possível, porque senão há uma distância muito grande entre o grau de responsabilidade institucional que têm os governantes e a baixa representatividade que possa ter o Partido. Então, é preciso que haja uma combinação para que os dois possam trabalhar conjuntamente para o bem do Brasil.

Jornalista: Presidente, mal o senhor disse que ia chamar todos os partidos políticos, sem exceção, para conversar, e o ex-presidente Fernando Henrique disse que não vem aqui para tomar cafezinho. O presidente Fernando Henrique fez uma oposição especialmente dura ao senhor, agora, durante a campanha para a reeleição. Qual o senhor acha que deve ser o papel de um ex-presidente?

Presidente: Eu lamento profundamente que um ex-presidente da República, de vez em quando, apareça na televisão como se fosse um jovem estudante de 18, 19 anos, contra tudo e contra todos. Eu penso que nós deveremos aproveitar a experiência que adquirimos para tentar passar para a sociedade brasileira a tranquilidade que ela precisa, sobretudo de alguém que foi ex-presidente da República. Eu tenho dito que o único que tem sabido se comportar adequadamente é o presidente Sarney, porque o presidente Fernando Henrique Cardoso, lamentavelmente, não age assim, é uma opção dele. Eu acho que cada um de nós paga o preço pelos nossos erros e pelos nossos acertos na política. Acho que ele está totalmente equivocado. Neste instante, ele deveria estar pensando em ajudar a governar este País, ajudar a aprovar as coisas dentro do Congresso Nacional. Ele passou oito anos no governo e nunca me chamou para tomar um cafezinho, nunca me chamou. Eu vim aqui em uma reunião, depois das eleições de 1998... Eu penso em conversar com ele, eu não tenho mágoa das pessoas, eu não guardo mágoa das pessoas. Eu, sobretudo, sou um ser humano civilizado. Portanto, se ele



não quiser tomar cafezinho e quiser tomar outra coisa, eu posso oferecer outra coisa para ele.

Jornalista: Presidente, por falar em ex-presidente, o problema de começar um segundo mandato é que ele é o último, e o senhor ainda é muito jovem. O que o senhor pensa em fazer depois que o senhor deixar a Presidência? Dizem que o senhor quer concorrer em 2014.

Presidente: Deixa eu te dizer o que eu penso. Primeiro, eu tenho um compromisso com a minha consciência e um compromisso com o povo deste País. O segundo mandato vai se chamar desenvolvimento, distribuição de renda e educação de qualidade. Eu estou convencido de que, ou nós fazemos uma revolução na educação brasileira, melhoramos o nível da educação... Por isso que eu disse durante a campanha: vamos fazer uma extensão universitária em cada cidade-pólo, uma escola técnica em cada cidade-pólo, e vamos investir muito na educação básica para que o Brasil dê um salto de qualidade e melhore a vida do seu povo.

Jornalista: Na economia, o senhor vai manter, para o Banco Central, a mesma independência operacional que o Banco Central tem agora?

Presidente: Nós, hoje, estamos colhendo as coisas que nós plantamos. Se nós não tivéssemos agido com a seriedade que agimos, se nós não tivéssemos feito o superávit que fizemos, se nós não tivéssemos perseguido a meta de inflação, a gente não poderia ter chegado aonde chegamos.

Jornalista: Mas é hora de mudar agora?



Presidente: É importante que as pessoas saibam que o sucesso da nossa vitória se deve aos acertos da política econômica. Nós vamos manter a mesma seriedade fiscal, nós vamos manter a mesma meta da inflação, mas o País pode crescer. Nós provamos isso, o consumo está crescendo 6% no varejo, é um crescimento extraordinário e pode crescer mais. Então, o que nós precisamos fazer? Mais crédito, mais poupança interna, mais parceria com a iniciativa privada e os grandes projetos já estão delineados. Somente a Petrobras tem 87 bilhões de dólares para investir até 2011.

Jornalista: Mas o senhor continua convencido de que o juro não baixa só pela vontade e pelo desejo do presidente?

Presidente: Mas o juro vai baixar.

Jornalista: Vai baixar como, Presidente?

Presidente: Ele está em uma rota de... a inflação está controlada.

Jornalista: Meta de inflação continua uma coisa séria.

Presidente: A inflação está controlada, portanto, o juro tem que baixar, e eu acho que não tem volta. Nós chegaremos ao final do mandato com o Brasil com juros padrão internacional, com a inflação controlada e com a economia crescendo, que é tudo o que o povo brasileiro espera e tudo o que eu sonho em fazer.

Jornalista: A ministra Dilma disse, hoje, que uma das saídas é cortar a máquina. O senhor pensa em, por exemplo, demitir funcionários públicos?



Presidente: Veja, eu não penso. Um país que tem problema de desemprego, você não pode cortar funcionário público. Eu te digo uma coisa: pelo que eu conheço da máquina, tem muito pouco para a gente cortar. A solução do problema é, ao invés de a gente ficar falando “eu vou cortar”, aumentar. Quando eu trabalhava na fábrica, ao invés de eu conter um prato de comida, eu ia fazer hora extra para poder receber mais no final do mês. O Brasil precisa crescer, é a condição básica para que o Brasil dê o salto de qualidade, e aí nós vamos perceber que, com um pouco mais de crescimento, o Brasil não vai precisar mandar ninguém embora, a máquina pública brasileira é uma máquina pública mal-remunerada, os funcionários não ganham bem, e a gente não pode sacrificar aqueles que prestam serviço à sociedade brasileira.

O que nós precisamos é seriedade fiscal, muita poupança interna, mais crédito e parceria para o Brasil crescer. E eu estou convencido de que elas vão acontecer muito antes do que as pessoas esperam.

Jornalista: Muito obrigada pela entrevista, Presidente, boa sorte nesse segundo mandato.

Presidente: Obrigado a você, Ana Paula.